

BILL MCKIBBEN

**FALHA
HUMANA**

**Estamos colocando
nossa existência
em jogo?**



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

Sumário

Agradecimentos	xi
Uma Palavra Inicial sobre a Esperança	1
Parte Um: <i>O Tamanho do que Está em Jogo</i>	5
Parte Dois: <i>Alavancagem</i>	75
Parte Três: <i>O Nome do Jogo</i>	127
Parte Quatro: <i>Uma Possibilidade Remota</i>	183
Epílogo: <i>Com os Pés no Chão</i>	237
Notas	248
Índice	269

PARTE UM

O Tamanho do que Está em Jogo



AMOSTRA

Se você já viu a Terra lá de cima (e, para o bem ou para o mal, neste livro muitas vezes adotaremos uma perspectiva assim, alta e ampla), telhados provavelmente são a primeira característica da civilização humana que você notou. Um alienígena recém-chegado, descendo em direção à superfície, veria muitas formas, dependendo do local: telhados em forma de A para impedir o acúmulo de neve, por exemplo; ou dos tipos gambrel, mansarda, quadril ou duas águas. Pagodes e outros templos asiáticos com coberturas cônicas; igrejas russas com cúpulas em formato de cebola; igrejas ocidentais sob pináculos.

É provável que folhas de palmeira tenham servido de cobertura para as primeiras casas, mas como os seres humanos começaram a cultivar grãos no período neolítico, a palha debulhada se tornou um material de cobertura confiável. Algumas casas no sul da Inglaterra têm telhados de palha de 500 anos de idade; novas camadas foram adicionadas ao longo dos séculos e, com isso, em alguns casos, a espessura dos telhados chega a dois metros. Embora esteja mais difícil encontrar material bom para trabalhar — a introdução de variedades de trigo de haste curta e o uso generalizado de fertilizantes nitrogenados enfraqueceram a palha —, hoje em dia o sapê está se tornando mais popular entre europeus ricos que procuram por telhados “verdes”; na Alemanha, por exemplo, agora é possível obter uma graduação de “artesão especialista em sapê”. Mas, ao menos desde o século III a.C. (talvez começando com os templos gregos, considerados valiosos o bastante para serem protegidos do fogo), a tendência dos humanos é viver sob telhados feitos com material sólido. Telhas de terracota espalharam-se rapidamente pelo Mediterrâneo e pela Ásia Menor; telhados de ardósia popularizaram-se em decorrência de sua baixa manutenção; em locais com árvores abundantes, ripas de madeira e coberturas de casca de árvore funcionaram bem. Considerando que metade da população mundial mora atualmente em favelas urbanas, é possível que chapas de metal abriguem mais gente do que qualquer outro material.

Você acha isso um tanto maçante? Que seja, pois quero mesmo é falar a respeito de tudo o que envolve a vida do ser humano: cultura, comércio e política; religião, esporte e vida social; dança e música; jantar e arte, câncer e sexo, redes sociais, amor e perda; quero, enfim, falar de tudo que compreende a experiência de nossa espécie. Mas isso está além das minhas forças, pelo menos até estar suficientemente entusiasmado. Então procurei o mais mundano aspecto de nossa civilização que posso imaginar. Raros são os que se lembram do telhado sobre suas cabeças, a não ser que surjam goteiras. Faz parte. Isso serve para ilustrar meu ponto — mesmo o mais comum e enfadonho telhado demonstra a complexidade, estabilidade e alcance do jogo humano.

Considere a telha com revestimento asfáltico, que ocupa a maioria dos lares no Ocidente e é, ela própria, sem dúvida, a mais maçante de todas as formas de cobertura. Os exemplos mais antigos datam de 1901, e a primeira fabricante foi a H.M. Reynolds Company, de Grand Rapids, Michigan, que comercializava seu produto sob o slogan “O telhado que fica é o telhado que paga a si mesmo”. O asfalto é encontrado em estado natural em algumas regiões do mundo — as areias betuminosas de Alberta, por exemplo, compõem-se principalmente de betume, a palavra dos geólogos para asfalto. Mas o asfalto usado em telhas origina-se durante o processo de refino do petróleo: é o material que ainda não foi submetido à temperatura de 260 °C. A destilação a vácuo o separa de produtos mais valiosos, como gasolina, diesel e nafta; ele então é armazenado e transportado em altas temperaturas até poder ser usado principalmente para pavimentar estradas. Parte dele, entretanto, destina-se às unidades fabris produtoras de telhas, nas quais são adicionados grânulos de alguns minerais (ardósia, cinzas volantes, mica) para aumentar a durabilidade. A CertainTeed Corporation, a maior fabricante mundial de telhas, fez um vídeo mostrando o que ela chama de “esse processo pouco apreciado” em sua fábrica em Oxford, Carolina do Norte, uma das 61 instalações que opera em todo o país. As imagens, dinâmicas, acompanham todo o processo, do carregamento na origem ao transporte e entrega na fábrica, mostrando como o calcário chega por vagão ferroviário para ser triturado e misturado com asfalto quente e depois revestido em centenas de milhares de quilômetros de tapete de fibra de vidro. Uma fina névoa de água é então pulverizada e, à medida que ela evapora, a folha esfria, pronta para ser cortada e em seguida empacotada em paletes em um armazém gigante, para aguardar a distribuição.¹

Maravilhe-se por um momento com a necessária sincronização de milhares de eventos para que tudo isso possa funcionar: o petróleo extraído (talvez das entranhas de desertos equatoriais ou das profundezas submarinas); os

oleodutos e as linhas ferroviárias para o transporte; as refinarias construídas (e a cada passo, o dinheiro obtido). O calcário e a areia também precisam ser minerados, e os quilômetros de redes de fibra de vidro precisam ser fabricados em alguma outra linha de produção. As matérias-primas vão todas para a fábrica da Carolina do Norte, e, em seguida, as telhas prontas são embarcadas em trens e caminhões para ser entregues em uma rede de lojas de materiais de construção, das quais os empreiteiros de obras as levam para os locais de construção, confiantes de que as telhas estão qualificadas para resistir ao vento, ao fogo e à descoloração. Pense, novamente, na enorme quantidade de organização humana necessária para que a instituição responsável pelo controle de qualidade dê seu aval.

Exercícios análogos poderiam ser repetidos para tudo que se vê, ouve e cheira por aí — todas as atividades infinitamente mais interessantes sempre ocorrendo sob todos aqueles telhados. Enquanto escrevo, por exemplo, estou ouvindo a Orchestra Baobab no Spotify. Ela se apresentava rotineiramente em uma casa noturna de Dakar nos anos 1970, na qual sua música repercutia a batida tipicamente cubana introduzida na África Ocidental pelos marinheiros na década de 1940; em dado momento, o grupo gravou seu melhor álbum em um estúdio de Paris, cujas canções agora residem, por assim dizer, em um serviço de streaming, sendo ouvidas por 196.847 pessoas do outro lado do planeta a cada mês. Tente analisar a conjugação de história, tecnologia, comércio, espiritualidade e ritmo que compõem o som que entra em meus fones de ouvido — as camadas de colonialismo de um sobre o outro; as questões de raça, identidade, pureza. Ou considere o que terá para o jantar, ou as roupas com que você cobre seu corpo — *tudo* está entrelaçado, e você pode seguir esses liames até todos os rincões de nosso passado e de nosso presente. O que estou chamando de jogo humano é inimaginavelmente profundo, complexo e maravilhoso. Mas também está em perigo. De fato, está começando a vacilar agora mesmo.

Passo este livro todo explicando esse perigo e, no final, aponto para algumas maneiras pelas quais ainda podemos evitá-lo. No entanto, creio ser melhor começar salientando não a fragilidade do jogo humano, e, sim, sua estabilidade. Nós humanos, todos juntos, construímos algo notável, algo de que raramente nos afastamos e simplesmente reconhecemos. O somatório dos projetos de nossas vidas individuais, o total de instituições e empreendimentos que criamos, o agregado de nossos desejos, sonhos e nossas realizações, a totalidade de nossa incessante atividade — tudo isso é uma maravilha.

Chamo a isso de jogo porque não há um final óbvio. Tal como em qualquer jogo, realmente não *importa* como ele se desenrola, ao menos no sentido mais amplo do Nosso Lugar no Universo, e ainda assim, como qualquer jogo, ele absorve integralmente a concentração dos que estão envolvidos nele. E mesmo não havendo um objetivo final, isso não significa inexistência de regras, ou pelo menos de uma estética: em minha definição, o jogo flui bem quando proporciona mais dignidade a seus jogadores, e mal quando essa dignidade diminui.

No contexto do jogo humano, há muitas maneiras de mensurar a dignidade: calorias suficientes, ausência de medo, roupas para vestir, trabalho útil. Em boa parte dessas medidas, temos avançado bem. A pobreza extrema (viver com US\$2 ou menos por dia) é muito mais rara do que costumava ser. Várias das doenças que a pobreza ajudou a disseminar também estão menos presentes: parasitoses intestinais, por exemplo. Até mesmo em comparação com o século XX, a violência está agora, de longe, menos propensa a nos matar — das mais de 55 milhões de pessoas falecidas em todo o mundo em 2012, a guerra foi responsável por 120 mil.² Cerca de 85% dos adultos são capazes de ler hoje em dia, um aumento impressionante ocorrido no espaço entre duas gerações.³ As mulheres, graças à maior educação e com ao menos um mínimo de igualdade, passaram de dar à luz a uma média de mais de 5 crianças em 1970 para menos de 2,5 hoje, provavelmente a mais rápida e notável mudança demográfica que o planeta já testemunhou. No ano de 1500, a humanidade produziu bens e serviços cujo valor equivale, em dólares de hoje, a US\$250 bilhões — transcorridos 500 anos, esse número cresceu 240 vezes, chegando a US\$60 trilhões.⁴ Isso tudo intensifica o coro de afirmações impositivas, que vai da insistência de Steven Pinker em dizer que estamos em uma era iluminada sem precedentes, aos tuítes de Donald Trump de que “Há um incrível espírito otimista varrendo o país agora — estamos trazendo os EMPREGOS de volta!”.

Estamos bastante acostumados com essa ideia de progresso. Tão acostumados, que alguns não conseguem imaginar qualquer outra coisa: Kaushik Basu, que foi o economista-chefe do Banco Mundial, previu recentemente que em 50 anos o PIB global crescerá à taxa de 20% ao ano, o que implica dizer que renda e consumo duplicarão a cada quatro anos.⁵ Diariamente surgem mais ideias, mais músicas são cantadas, mais fotos tiradas, mais gols marcados, lê-se mais livros escolares, mais dinheiro é investido.

No entanto, há outras autoridades de quase tanta expressão quanto antigos economistas-chefe do Banco Mundial. O Papa Francisco, em sua marcante encíclica de 2015 sobre meio ambiente e pobreza, disse: “A Terra, nosso lar, começa a se parecer mais e mais com uma imensa pilha de sujeira.” Não se considera que papas possuam autoridade suficiente no assunto? Veja isto: em novembro de 2017, 15 mil cientistas de 184 países emitiram uma severa “advertência à humanidade”. Assim como Pinker, eles dispunham de gráficos, mas que descreviam tudo, do declínio da água doce por pessoa à disseminação de “zonas mortas” anaeróbias nos mares do mundo. Segundo os cientistas, em consequência disso, enfrentamos “miséria generalizada e perda catastrófica da biodiversidade”; em breve, eles acrescentaram, “será tarde demais para mudar o curso de nossa trajetória equivocada”. (Em seis meses esse alerta já era o sexto mais discutido artigo acadêmico da história.)⁶ Tais severas preocupações ganharam corpo o bastante para que um grupo financiado pela NASA criasse recentemente o programa Human and Nature Dynamics (HANDY), cuja proposta era criar um modelo baseado nas quedas do Império Romano, da dinastia Han e dos impérios Múuria e Gupta; e quando apertaram o botão, ele fez uma inquietante previsão: “A civilização industrial global pode colapsar em algumas décadas devido à exploração não sustentável dos recursos e da cada vez mais desigual distribuição de riqueza.” (O fato de que eu nunca havia ouvido falar do Império Múuria me deu um arrepio na espinha.) Nesse modelo, a propósito, um dos maiores perigos veio de elites que se posicionaram contra a mudança com o argumento de que as coisas “até agora” estavam funcionando bem.⁷

Esse “até agora” é sempre o problema, como o homem caindo do arranha-céu descobriu. Se você quiser ficar aflito, pode encontrar muitas indicações de que o chão lá embaixo está se aproximando com uma velocidade desanimadora. Algo como um terço das terras do planeta encontram-se severamente degradadas, com “tendências de declínio persistente da produtividade”, conforme um relatório de setembro de 2017.⁸ Desequilibramos quase tudo: se pesarmos os animais vertebrados terrestres do planeta, os humanos representam 30% da massa total, e os animais que vivem em fazendas respondem por outros 67%, significando que os animais selvagens (todos os alces, guepardos e vombates combinados) totalizam apenas 3%.⁹ Na verdade, *a população dos animais selvagens do planeta, hoje, corresponde à metade da existente em 1970*, um silenciar pavoroso e, principalmente, despercebido. Em 2018, os cientistas relataram que as maiores e mais antigas árvores do planeta estão morrendo rapidamente “na medida em que a mudança climática atrai novas pragas e

doenças para as florestas”. O baobá — árvore da vida, originária da África, em cuja sombra as primeiras pessoas caçavam e se reuniam — pode viver até 2,5 mil anos, mas cinco dos seis espécimes mais antigos do planeta morreram na última década.¹⁰ Antes que o século chegue ao fim, a mudança climática pode liquidar os cedros do Líbano — saqueados por Gilgamesh, nome citado na Bíblia — à medida que a cobertura de neve desaparece e as moscas surgem mais cedo no calor.¹¹

Até nossas arcas estão rachadas: como salvaguarda ante uma hipotética catástrofe, os agrônomos do mundo projetaram um Cofre Global de Sementes em uma montanha ártica, uma instalação inexpugnável na qual poderiam preservar um milhão de variedades de sementes que incluem tudo o que há de mais importante das culturas alimentares da Terra. Oito anos depois, ela se abriu durante o ano mais quente já registrado no planeta: a neve derreteu e uma chuva torrencial inundou o túnel de entrada e depois congelou. As sementes não foram danificadas, mas a confiança de haver construído uma fortaleza de duração indeterminável foi perdida. “Não estava em nossos planos pensar que o permafrost [o solo do ártico] não estaria lá e que se experimentaria um clima extremo como esse”, disse um porta-voz do governo norueguês.¹² E, entretanto, nada nos faz diminuir o ritmo, bem ao contrário. De acordo com a maioria dos relatórios a respeito, usamos mais energia e recursos durante os últimos 35 anos do que em toda a história humana até então.¹³ Em todas as suposições econômicas que nossos governos fazem sobre o futuro, é necessário duplicar o tamanho da economia novamente, e depois de novo, e a seguir mais uma vez, durante a vida das pessoas mais jovens no planeta. Então é difícil argumentar que o desempenho passado indica muito sobre o futuro — parece ser o mesmo jogo, mas está se desenrolando em campo novo.

Em parte, isso se dá porque o passado é muito curto. Nós somos a primeira espécie cuja autoconsciência é mais apurada, mas estamos tão vinculados à nossa própria narrativa, que raramente nos damos conta de quão curta nossa história realmente é. No cotidiano, esquecemos que, se considerássemos um dia de 24 horas como representativo dos bilhões de anos de vida na Terra, nossas civilizações estabelecidas começaram a cerca de um quinto de um segundo atrás.¹⁴ Esse curto período abrange a domesticação do fogo, o desenvolvimento da linguagem, o surgimento da agricultura. Na escala de tempo de uma vida humana, esses eventos parecem ter demorado uma eternidade, mas na história geológica, ocuparam um piscar de olhos. E agora vemos

mudanças (o desenvolvimento de armas nucleares, o surgimento da internet) que, em tempo real, modificam muitos de nossos pressupostos. Então, considerando que mesmo no curto espaço de tempo de nossa vida temos visto o rotineiro e muitas vezes repentino colapso de uma civilização após outra, tal fato pode nos dar uma pausa para lermos livros como *Colapso*, de Jared Diamond, que nos deixam intrigados com suas histórias de calamidades passadas, da Groenlândia à Ilha de Páscoa.

Essas advertências, porém, de algum modo também parecem nos dar confiança, porque, afinal de contas, as coisas continuam a acontecer. Roma caiu e algo mais floresceu. O Crescente Fértil [uma área do Oriente Médio] virou um deserto, mas encontramos outros lugares para plantar nosso alimento. As histórias de admoestação sobre transcender nossos limites (a maçã no Éden, a Torre de Babel, Ícaro) parecem tolas para nós porque ainda estamos por aqui, e continuamos transcendendo um limite após o outro.

Às vezes, nos assustamos, mas isso dura um período, e depois esquecemos. À medida que a explosão do consumo no pós-guerra se espalhava por grande parte do planeta, por exemplo, o ambientalismo moderno também foi tomando forma, questionando se tal trajetória era sustentável. Esse movimento começou a ganhar relevância em 1972, com a publicação de um pequeno livro chamado *Limites do Crescimento*. Sem especificar precisamente como e quando, os autores desse livro, e os modelos computacionais que eles desenvolveram, previram que aquele nosso crescimento imprudentemente acelerado poderia, “em algum momento dos próximos 100 anos”, colidir com vários limites naturais e que, sem uma mudança dramática, “o resultado mais provável será tanto um declínio populacional repentino e incontrolável quanto uma queda da capacidade industrial”. Alternativamente, disseram eles, as nações do mundo poderiam “criar uma condição de estabilidade ecológica e econômica que fosse sustentável no futuro”, uma tarefa que seria mais fácil se iniciada o mais breve possível.¹⁵ Desnecessário dizer, não fizemos isso. Embora levemos mais ou menos a sério a questão ambiental, promulgando leis relativas à limpeza do ar e da água, nunca chegamos nem perto da seriedade no que diz respeito a mais crescimento. A caminho da cúpula ambientalmente inovadora — em tese — do Rio em 1992, o primeiro presidente Bush deu uma declaração que ficou famosa: “O estilo de vida norte-americano não é negociável”¹⁶ e, como se vê, ele estava correto — e falando para grande parte do mundo. E até agora temos nos esquivado: mesmo enquanto continuamos acelerando, o jogo continua.

Então por que você deveria levar a sério meu medo de que o jogo, de fato, talvez esteja começando a desandar? A fonte de minha inquietação pode ser resumida em uma única palavra, uma palavra que será repetida regularmente neste livro: *alavancagem*. Nós somos simplesmente tão grandes, e nos movemos tão rápido, que cada decisão carrega consigo um enorme risco.

O colapso de Roma foi, claro, um evento de grande importância. Contudo, em extensas regiões do mundo nem se sabia, sequer, que *existia* um Império Romano, e muito menos que sua queda repercutiria *em toda parte*. Roma foi ao chão, e nem por isso maias, chineses e esquimós sentiram qualquer tremor. Já em um mundo interconectado, a situação é diferente. Ele oferece um certo tipo de estabilidade — digamos que em todos os países as pessoas podem ouvir os alertas dos cientistas sobre a iminente mudança climática —, mas elimina a defesa imposta pela distância. E o tamanho absoluto de nosso consumo significa que temos um enorme e diferente tipo de alavancagem — nenhum imperador romano poderia mudar o pH dos oceanos, mas nós conseguimos essa proeza em pouco tempo. E, finalmente, a nova escala de nosso alcance tecnológico amplia nosso poder de maneiras extraordinárias: muito deste livro é dedicado a examinar os poderes divinos provenientes do rápido aumento de velocidade da computação e de tudo o mais, da engenharia genética humana à inteligência artificial.

As coisas estão dando completamente errado e completamente certo, e com isso estamos pondo em risco o jogo humano. Como podemos ver, os humanos podem ser considerados agora uma espécie de força geológica destrutiva — a degradação rápida dos sistemas físicos do planeta, algo ainda teórico quando escrevi *O Fim da Natureza*, está hoje em pleno andamento. Na realidade, ela é muito mais avançada do que a maioria das pessoas percebe. Em 2015, no Acordo de Paris, os governos do mundo estabeleceram como meta manter os aumentos de temperatura em 1,5 °C e, no mínimo, abaixo de 2 °C; no outono de 2018, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) informou que poderíamos ultrapassar a marca de 1,5 °C até 2030. Ou seja, traçamos uma linha na areia para depois ver a maré alta apagar-la em uma década e meia.

Simultaneamente, os humanos se constituem em uma enorme força *criativa*, de um jeito que ameaça o jogo humano por meio não da destruição, mas da substituição. Robôs não são apenas mais uma tecnologia, e a inteligência artificial não é só um aprimoramento do tipo telhas com revestimento asfáltico. Eles são uma tecnologia de substituição, e a obsolescência pode muito bem nos escolher como alvo. Se não fôssemos humanos, o jogo humano não faria sentido.

No que se refere à nossa curta carreira como espécie, houve na história da humanidade altos e baixos, imobilidade e corrida em disparada, estagnação e florescimento. Somente agora, no entanto, acumulamos alavancagem suficiente para provocar seu fim, seja por descuido, seja pelo “design”. Como uma equipe de cientistas apontou recentemente na *Nature*, as mudanças físicas que estamos atualmente causando pelo aquecimento do clima “se ampliarão mais do que toda a história da civilização humana até agora”.¹⁷ E como o historiador e futurólogo israelense Yuval Harari escreveu recentemente: “Uma vez que a tecnologia nos permite reelaborar a engenharia da mente humana, o *Homo sapiens* desaparecerá, a história humana terá um fim e um processo completamente novo se iniciará, o qual pessoas como você e eu não podemos compreender.”¹⁸ Isso é o mesmo que dizer que o jogo que temos para jogar pode terminar não com um estrondo ou um gemido de dor, mas com o borbulhar dos oceanos em constante elevação e o bipe suave de algum futuro digital surgindo. A alavancagem desmedida é de tal modo crucial porque, pela primeira vez, ameaça cortar nossas próprias linhas de retirada. Quando Roma caiu, havia outra coisa lá. Nós tínhamos, parodiando o pinball, talvez o mais deliciosamente inútil dos jogos, outra bolinha prateada, outra chance. Todavia, as mudanças atuais pelas quais passamos são tão imensas, que chegam a abalar a própria máquina, que emudece, incapaz de registrar sonoramente cada ponto conquistado. E, como sabemos, devido à radical desigualdade que permitimos existir em nossa sociedade, as principais decisões foram e serão feitas por alguns seres humanos em alguns lugares: executivos de empresas petrolíferas em Houston, digamos, e magnatas da tecnologia no Vale do Silício e Xangai. Pessoas em particular, em lugares em particular, em um particular momento no tempo, adeptas de uma particular inclinação filosófica: isso é amontoar alavancagem em cima de alavancagem. E a habilidade deles em distorcer nossas políticas com sua riqueza é mais uma camada de alavancagem. Eis aí algo que me assusta.

E me assusta apesar da não perfeição do jogo humano — na verdade, ninguém sai dele vivo ou sem tristeza e perda. Para muitas pessoas, é muito mais trágico do que precisa ser — de fato, é lamentável, frequentemente porque suas regras foram manipuladas para favorecer alguns em detrimento de outros. Caso eu esteja entre os mais sortudos, o jogo pode parecer mais atraente para mim do que para outros. E talvez a perda não seja sentida de forma tão lancinante por aqueles nascendo agora: certamente não lamentarão a ausência de coisas que desconheciam, assim como nos sentimos em relação à perda dos dinossauros. Se você ampliar o ângulo de observação o suficiente, é possível ser filosófico sobre qualquer coisa — afinal, o Sol um dia explodirá. Mas isso

é mais filosofia do que posso administrar; para mim e para muitos outros, a perda neste jogo é a mais concebível das tragédias, se é que de fato podemos conceber algo de tamanha magnitude.

E, portanto, vamos lutar — alguns de nós já estão fazendo isso. Creio haver algumas saídas, mesmo que as chances de sucesso não sejam das melhores. O êxito depende de mudanças reais no modo de pensar de ambos, conservadores e progressistas. (Conservadores, estranhamente, tendem a não se preocupar com conservação; progressistas, por sua vez, tendem a pensar que todo progresso é bom.) Mas se aquelas mudanças ocorrerem rápido o suficiente, o jogo poderia continuar: cientistas estimam que 5 bilhões de anos nos separam da transformação do Sol em uma gigante vermelha que se expandirá até a órbita da Terra. Eu não sou nem otimista nem pessimista, apenas realista — o suficiente para saber que o engajamento é nossa única chance.

Eu disse antes que o jogo humano não tem regras nem fim, mas há nele dois imperativos lógicos. O primeiro é que ele seja recorrente, e o segundo, que não perca sua humanidade.

AMOSTRA

Uma visita à sucursal do inferno: é a sensação que se tem ao trafegar pelas estradas de um canto do vasto complexo de areias betuminosas de Alberta, no Canadá. Ali se encontra, talvez, o maior complexo industrial do planeta — a maior barragem sobre a superfície da Terra retém uma das muitas “lagoas” de betume, onde o lodo das minas se mistura com água e produtos químicos tóxicos em um caldo negro. Canhões disparam dia e noite, servindo de espantalhos para assustar as aves que, se pousassem na água imunda, com certeza morreriam. Se ouvir o estrondo das armas e as histórias dos habitantes originais da área, cuja floresta foi retalhada para dar espaço às minas, você compreende que está em uma zona de guerra. Os exércitos são convocados pelos Koch (os maiores arrendatários das areias betuminosas), pela ConocoPhillips, pela PetroChina e pelos demais, e o inimigo deles é tudo aquilo que for selvagem e sagrado. E eles estão vencendo.

Difícilmente dá para imaginar algo mais hediondo que o vandalismo sofrido pelo mundo natural e humano que assola aquela região. Passei anos trabalhando para acabar com aquilo, e meus esforços têm sido pequenos em comparação com a luta interminável da população local. Apesar de seu gigantismo, essa cicatriz, em si mesma, não representa uma ameaça real para o jogo humano. A Terra não é ilimitada, mas é muito grande, e se observada em perspectiva, até mesmo essa ferida (simplesmente a visão mais feia que já testemunhei em toda uma vida de viajar pelo planeta) é engolida pela vastidão da floresta boreal do Canadá, e esta pela vastidão da América do Norte, que por sua vez se esconde na vastidão do hemisfério.

Da mesma forma, despertar em Delhi hoje em dia é despertar em um purgatório cinzento, sombrio. O barulho e o cheiro de uma das cidades mais populosas do planeta é uma constante, mas em alguns dias a poluição se torna tão densa, que não se pode distinguir o que há no final do quarteirão. Andando pela calçada, você parece estar quase sozinho, e o barulho da cidade parece ser provocado por fantasmas. Quando o ar está em seu pior momento, e a fumaça da queima dos restolhos nas fazendas da região mistura-se à do

escapamento de carros e ônibus e à dos fogões a lenha da cozinha das favelas, respirar é quase insuportável. Em um recente surto, as companhias aéreas suspenderam seus voos para Delhi porque a pista não era visível, os carros começaram a bater uns nos outros nas estradas, e os trens da cidade deixaram de circular devido à baixa visibilidade. Imagine o quão péssima é a qualidade do ar para que seja necessário interromper as viagens de trem, que correm sobre trilhos. No mês seguinte, em um grande jogo internacional de críquete, com o nível da poluição 15 vezes maior que o padrão global de segurança, os jogadores começaram “a vomitar sem parar”. Após 20 minutos de paralisação, o árbitro disse: “Não há muitas regras referentes à poluição.”¹

A poluição do ar de Delhi talvez seja atualmente a pior do mundo, superando até mesmo a malfadada fumaça de cidades chinesas nas quais as autoridades instalaram telas de LED gigantes para mostrar um vídeo do nascer do sol. Ou, quem sabe, Lahore, no Paquistão, mereça a coroa: o material particulado lá não raro atinge 30 vezes o nível seguro, produzindo uma neblina marrom que levou um jornalista a defini-la como uma “sala de espera enorme de fumantes em um aeroporto”.² Autoridades asiáticas rotineiramente suspendem as aulas devido à péssima qualidade do ar, porém, como na maioria dos lares não há filtros, isso não ajuda muito. Um estudo em grande escala descobriu que das 4,4 milhões de crianças em Delhi, metade tinha danos pulmonares irreversíveis decorrentes do ar ruim.³ Em todo o mundo, a poluição mata 9 milhões de pessoas por ano, muito mais do que AIDS, malária, tuberculose e guerra juntas.⁴ Nos piores anos, um terço das mortes na China podem ser imputadas à poluição do ar, algo que em 2030 pode ocasionar 100 milhões de vítimas em todo o mundo.⁵

Isso é doentio, triste, desnecessário — a maior crise de saúde pública do planeta. E, no entanto, nem mesmo representa uma ameaça *existencial* para o jogo humano. Enquanto a devastação das areias betuminosas é limitada no espaço, essa agressão é limitada em termos de tempo. É um problema que pode e será resolvido, bem devagar, e com muita angústia humana, mas essa é a lição de Londres, Los Angeles e até de Pequim, que começou, hesitante, a limpar seu ar.

A lista de problemas ambientais severos só cresce: zonas mortas nos oceanos, para onde escoam rios de adubos químicos provenientes das fazendas, junto de camadas insubstituíveis de solo arável; grandes espirais de resíduos plásticos rodopiando nos mares; subúrbios se alastrando para terras agrícolas, e estas invadindo florestas tropicais; lençóis freáticos sendo comprometidos pelo excesso de extração de água dos aquíferos. Questões como essas requerem, e até mesmo monopolizam, nossa atenção, pois as ameaças que